O futuro chegou?

Por várias décadas, os brasileiros escutaram (e às vezes acreditaram) que o Brasil era "o país do futuro" - e sempre seria. Isso hoje é passado. A julgar pelo olhar estrangeiro, representado por algumas das publicações mais influentes do mundo, esse futuro já chegou. Nos últimos meses do ano, o país foi capa da revista inglesa *The Economist*, tema de um especial de dez páginas do diário *Financial Times e* pauta recorrente em jornais globais como o americano *The New York Times* e o espanhol *El País*. Além de ganhar espaço na imprensa internacional, o país viu o presidente Lula receber, em Nova York, o prêmio Woodrow Wilson de Serviço Público por "serviços prestados à democracia". E, em Londres, ganhar outro prêmio conceituado, da Chatham House, por sua "contribuição para as relações internacionais". Lula figurou ainda em 33° lugar entre 67 eleitos no ranking de pessoas mais poderosas do mundo produzido pela revista de negócios americana *Forbes*.

O que significa isso em termos de poder e influência reais no mundo? É a essa questão que um livro publicado recentemente nos Estados Unidos tenta responder - uma pergunta escancarada desde o título *O Brasil como uma Superpotência Econômica?**, produzido pela Brookings Institution, um *think tank* liberal de Washington. Seu lançamento, na sede do Banco Mundial na capital americana, reuniu especialistas de diversas instituições para discutir o papel reservado ao Brasil na economia mundial, hoje e no futuro. A obra traz

O país cresce hoje em bases mais sólidas do que nos anos do "milagre econômico"

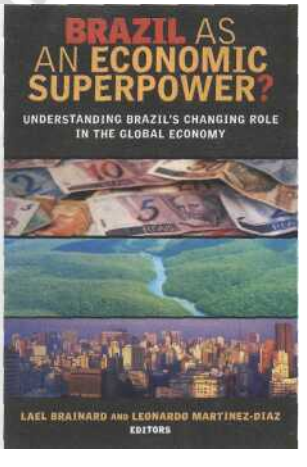
Foto

uma série de ensaios que abordam temas diversos: a liderança brasileira no agronegócio e no mercado de energias renováveis, as mudanças e tendências nas políticas comerciais atuais, a presença crescente de grandes empresas brasileiras no exterior e o impacto das políticas sociais voltadas à distribuição de renda.

No livro, a resposta à pergunta do título e a condição atual brasileira permanecem em aberto. "Depende do que consideramos uma superpotência", ressalva Leonardo Martinez-Diaz, diretor para o Centro de Desenvolvimento Econômico da Brookings Institution e coeditor da obra. Ele vê o país no bom caminho. "Pela ótica de sua influência na economia global e nos centros emergentes de tomada de decisões econômicas, o Brasil está, de fato, no caminho certo para se consolidar como um país de primeira grandeza", diz.

Porém, segundo Martinez-Diaz, a continuidade da expansão da influência brasileira nessas duas esferas dependerá da capacidade de o setor privado nacional capitalizar as novas oportunidades e de o Estado persistir na busca de uma maior integração na economia global. Como exemplos de oportunidades bem aproveitadas, Martinez cita o desenvolvimento pela Petrobras de tecnologia de exploração de petróleo em águas profundas, a expansão dos negócios internacionais da Odebrecht e algumas tendências recentes no setor bancário, no qual o Itaú Unibanco assume uma estratégia global cada vez mais sólida e o Banco do Brasil se torna um *player* regional.

O livro também discute os possíveis caminhos para o Brasil integrar-se de forma mais firme à economia global. Para alguns dos analistas, a estratégia de priorizar acordos com países em desenvolvimento, fortalecendo as relações Sul-Sul, pode fazer sentido político, mas é questionável em termos econômicos. Em seu texto, o economista Maurício Moreira Mesquita, diretor do departamento de pesquisas do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), diz que, devido a essa estratégia, o país acaba pagando mais caro que outros, como China e índia, para entrar nos grande mercados do Norte. Mesquita sugere que o Brasil reduza e racionalize seu sistema de proteção tarifária. Segundo ele, as taxas nominais de tarifas sobre a importação que impõe estão bem acima das praticadas por outros países emergentes, como China e México.



O livro relembra que o potencial brasileiro já esteve em evidência no passado - no período conhecido como "milagre econômico" dos anos 1970, por exemplo -, mas o

O livro Brazil as an Economic Superpower?, de 291 páginas, é editado pela Brookings Institution Press

A íntegra deste artigo é exclusiva para fins educacionais

Brasil não se tornou uma potência global. No entanto, de acordo com Martinez-Diaz, o otimismo atual se justifica pelo fato de esse salto estar se dando sobre bases mais sólidas. "A democracia estável e o histórico recente de inflação baixa e de gestão macroeconômica conservadora tornaram o país mais integrado à economia mundial do que em qualquer momento dos últimos 40 anos", assinala.

Outro dado novo é o aumento sustentado na renda das camadas mais baixas da população brasileira. Essa queda persistente na desigualdade tem se mantido tanto em períodos de crescimento quanto naqueles em que o país não avançou. "Esse traço deve-se à combinação de políticas macroeconômicas que levaram à estabilidade e ao crescimento com políticas sociais de transferência de renda, como o Bolsa Família, que trazem benefícios enormes a custos relativamente baixos", afirma o economista principal do Departamento do Cone Sul do BID, Bruno Saraiva. O crescimento acumulado da renda *per capita* dos 10% mais pobres da população brasileira foi de 57% entre os anos de 2001 e 2006, enquanto, para os 10% mais ricos, esse aumento foi de 6,7%.

Há ainda elementos que sustentam o otimismo, mesmo que a classificação de superpotência possa parecer um tanto distante. Décima maior economia mundial, o Brasil hoje lidera a retomada do crescimento econômico na América Latina. Entre 2008 e 2009, recebeu a chancela de grau de investimento conferida pelas três maiores agências de classificação de risco de crédito do mundo. Além disso, no campo político, destaca-se em grupos como o G-8 *e o* G-20 e defende a maior participação dos países emergentes no FMI e no Banco Mundial. Também vem fazendo valer seu nome entre os BRICs, denominação do quarteto integrado por Brasil, Rússia, índia e China, vistos como as grandes promessas das próximas décadas - estima-se que, até 2050, eles podem se transformar nas maiores economias globais.

A estabilidade institucional e a solidez da democracia são vantagens brasileiras

À época da criação do grupo, a inclusão do Brasil foi vista com ceticismo por muitos. As dúvidas a esse respeito se referiam não tanto ao potencial do país, mas à exatidão do conceito. "A expressão BRIC colocou juntos países com diferenças enormes entre si", questiona James Ferrer, fundador e diretor do Centro para Estudos Latino-Americanos da George Washington University. Já Saraiva, do BID, considera a expressão feliz. "Os BRICs levaram o mundo a uma reavaliação do papel dos países em desenvolvimento no cenário internacional", diz ele.

De uma forma ou de outra, hoje o país é um membro de destaque desse grupo. Analistas apontam a superioridade da democracia brasileira, percebida como um ativo vantajoso. Além disso, a China e o Brasil vêm seguindo trajetórias contrárias no que diz respeito à desigualdade - em alta na primeira e em queda no segundo. Outras análises frisam que, como o Brasil já passou pela industrialização e urbanização que hoje impulsionam o crescimento de China e índia, a comparação direta entre a evolução dos PIBs, muito mais explosiva na China, não seria um critério justo de avaliação.

Há ainda o consenso de que a nova ordem externa, nas esferas

Foto

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais

econômica e política, é extremamente favorável ao Brasil. Segundo livro da Brookings Institution, *o* aumento da classe média em países como China e índia deverá continuar sustentando a demanda crescente por produtos agrícolas e outras commodities brasileiras. O debate sobre mudanças climáticas também deve impulsionar a indústria de biocombustíveis e energia hidrelétrica, setores nos quais o Brasil já é uma destacada potência. Hoje, 46% da energia consumida no país vem de fontes renováveis, contra uma média mundial de 13% *e* de 6% nos países da OCDE.

"O Brasil sempre quis ser líder, mas esse desejo ficava mais no plano retórico. Hoje, com as políticas que vem adotando, está começando a cumprir de verdade essa promessa", avalia Ferrer. "Agora é preciso usar positivamente sua liderança para influenciar outras nações." Muitos países, em especial os latino-americanos, veem o crescimento brasileiro como uma oportunidade, devido às dimensões de seu mercado. Em 2008, as exportações brasileiras para a América Latina somaram 20% do total vendido ao exterior, contra os 10% registrados uma década atrás (1998).

Foto

Foto

Mas outros o consideram um competidor. Ainda de acordo com Ferrer, a liderança brasileira na América Latina desperta inveja em certos vizinhos, especialmente aqueles com outras visões políticas e de desenvolvimento. É o caso da Venezuela de Hugo Chávez, que também tenta expandir sua influência no continente. É importante, salientam os analistas, que essa liderança brasileira gere uma mudança na posição de Washington quanto à arquitetura geopolítica da América Latina. Em artigo publicado na edição de setembro da revista *Economia Brasileira*, o diplomata Sebastião do Rego Barros afirma que a oposição entre a crescente importância brasileira e o advento do bolivarianismo chavista não permite à Casa Branca lidar com o Brasil a partir de visões simplistas,

Hoje o país exibe não apenas uma maior capacidade de liderança econômica e política, mas, sobretudo, estabilidade institucional, fator vital à nova estratégia dos EUA para o continente, menos intervencionista. "O Brasil tem atualmente uma grande oportunidade de se estabelecer como potência - e, para os EUA, isso é bom, pois traz estabilidade à América do Sul", diz o congressista republicano Devin Nunes, um dos copresidentes do Brasil Caucus, a frente parlamentar articulada há alguns anos pela Embaixada brasileira em Washington e hoje composta por mais de 30 congressistas.

Tornar-se ou não uma potência é algo que dependerá, entre outras coisas, de como o Brasil vai lidar com obstáculos que ainda entravam seu desenvolvimento, como o déficit de infraestrutura, a desigualdade social e as reformas institucionais pendentes. "Será preciso encarar esses desafios e, ao mesmo tempo, manter a estabilidade macroeconômica, seguindo uma gestão responsável e pragmática, que não crie um ambiente de riscos desnecessários", diz Saraiva. "Essas questões são fundamentais para que o país possa atingir seu pleno potencial." Cabe, portanto, ao próprio Brasil decidir a dimensão e a relevância que pretende ter no futuro.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais

Fonte: PIB, São Paulo, ano 3, n. 9, p. 50-53, dez. 2009/ jan. 2010.